

POVO DE AVEIRO

SEMENARIO REPUBLICANO

Redacção e administração
R. de S. Martinho

Aveiro

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO

EDITOR, João Pinto Evangelista

Numero 108

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1\$300, Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500, Semestre, 1\$300 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

3.º Anno

A QUESTÃO CLERICAL

Tolstói quer que os homens sejam sempre instrumentos da Providencia sem influirem conscientemente nas revoluções. O seu excellente romance *La Guerre et La Paix* está cheio d'essas anomalias, a par de grandes verdades, de elevados pensamentos, de observações admiráveis, de estudos profundos, de descripções que são verdadeiras pinturas. Mas quem não sabe ler não sabe distinguir a verdade do erro, o bom do mau, e com a falta de saber, de criterio, de bom senso que constitue a camada intellectual da sociedade portugueza, o que diz Tolstói, o que diz qualquer nome de reputação no estrangeiro, é sempre sagrado e intangível. E d'ahi disparates e asneiras a cada instante.

Nenhum homem tem o poder de fazer nem de deter revoluções. Mas tem muitas vezes o poder de as guiar, de as encaminhar, de lhes accumular ou de lhes afastar difficuldades e estorvos.

São instrumentos inconscientes da Providencia, esses homens? Acertam ou erram, vão para a direita ou para a esquerda, conforme o destino que a Providencia lhes traçou?

Para essas philosophias escusavamos de Tolstói. Essa é a philosophia popular. *Ha de ser, o que Deus quizer, Morre quem tem de morrer.* Isto diz ahi qualquer homem da rua. Se for homem de sala, se for literato, então diz pedantescamente, d'olhos no céu, e mãos no ar, por engano: *Estava escripto no livro do destino!*

É verdade que a philosophia popular tambem diz: *Linha te dos gres, que eu te livrarei dos trabalhos.*

Ora, francamente, eu vou para esta e Deus nos livrasse de admirar Tolstói pelo seu fatalismo, que então teriamos tambem que admirar todos os bruxos e leitores de *buena dicha*, os miúdos defensores do fatalismo que o mundo conhece, desde que é mundo.

É certo que o livre arbitrio, em absoluto, não existe. Mas é certo tambem que os organismos são modificaveis, tanto os organismos individuaes como os organismos sociaes, susceptiveis de se aperfeiçoar ou de se degradar, sob o ponto de vista physico, intellectual e moral. É certo que a vontade existe, que é susceptível de educação e de correção.

Essa philosophia do fatalismo, da Providencia, tem sido o maior instrumento do despotismo, o maior estorvo á civilização. *Se o que tem de ser ha de ser, que vale*

valar? Eu sou mau porque tenho de ser mau.

Deus nós acuda!
Antes o meu visinho a dizer-me: «Esqueci-me de todas as reprehensões que recebi de meu pae. De todas. Não me lembro de nenhuma. Mas tenho viva na memoria a recordação de todas as cargas de pau que me deu e dos motivos porquê.»

Alto lá com essa philosophia do fatalismo e do livre arbitrio, mal interpretada e á redea solta. Lá que eu hei de ser sempre mais ou menos irritavel se nasci irritavel, d'accordo. Mas que eu preciso de me esforçar por domar essa irritação tambem não offerece duvida nenhuma. Nasci mandrião? É indispensavel que eu empregue a minha vontade em corrigir essa mandrice. Sou glotão? Mas como sou gotoso, hei de me esforçar por comer pouco. *Morra Martha, morra farta,* é uma bestialidade.

Na batalha de Borodino, nem Napoleão fez nada para perder, nem Koutouzow nada para ganhar. Esta negação do papel dirigente das individualidades é tão desmentida pela experiencia, que, affirma-la, chega quasi a ser estúpidez.

E porque não havia o rheumatismo de ter influido em Napoleão? Custa alguma coisa acreditar-lo? Pois a doença não diminue a força moral e intellectual dos individuos? Não torna frouxos os energicos, imprevidentes os previdentes, imprudentes os prudentes? Não diminue a confiança? Não abate a intelligencia?

Quem é que não tem experimentado isto? Não é esse facto d'observação diaria e comestinha?

Mas os historiadores escrevem mal a historia, diz Tolstói. Pois escrevem, escrevem, não porque as leis reguladoras dos acontecimentos historicos estejam nas mãos de Deus ou do Diabo, e porque só estes as conheçam, mas porque os historiadores ou ignoram os factos, ou os deturpam, ao sabor das suas paixões e das suas conveniências, ou os encaram sob um ponto de vista tão individual e restricto como o próprio Tolstói. Ahi está o Christianismo. Como o conhece quasi toda a gente? Pela historia dos clericos, toda ella falsa do principio ao fim. Por ahi o conhecem. Por esse prisma o veem.

Ahi está a revolução franceza. Foi hontem. É raro a conhecem!

Cromwell—e voltamos ao fio da nossa historia—não foi a melhor pessoa do mundo. Mas como os escriptores que vieram depois d'elle eram e foram, séculos seguitos, realistas, o grande numero viu só o lado mau do homem. Cromwell venceu os realistas, proclamou a republica, e manteve-a contra as conspirações

do interior e do exterior, porque era um instrumento da Providencia? Não. Cromwell venceu os exercitos realistas primeiro, e manteve a republica, depois, pelo mesmo motivo porque os chefes do 31 de Janeiro foram vencidos pela municipal e pelo mesmo motivo porque dariam com a republica em pantana se no primeiro recontro tivessem sahido vencedores. Porque Cromwell era um chefe á altura da revolução e porque os chefes da revolta do Porto estavam abaixo d'ella.

Mas, dirão alguns, se a revolução portugueza fosse da categoria da revolução ingleza ella teria produzido homens á altura d'esta. Talvez. Ao menos ahi ha logica. Não é a logica dos revolucionarios do 31 de janeiro, porque, para estes, a revolução do Porto era grande e estava feita nos espiritos. Segundo a logica d'aquelles, os homens que surgiram á frente da revolta do 31 de janeiro eram pequenos porque pequena era ella tambem. Seriam grandes, se grande fosse a revolução.

Talvez. Pois o absurdo está exactamente em suppor que Portugal poderia produzir n'aquelle momento uma grande revolução. Essa revolução era impossivel. E o ainda hoje. Comtudo, embora não existissem as grandes convicções e as grandes energias dos momentos solemnes, embora as classes dirigentes de Portugal não estivessem, nem moralmente nem intellectualmente, preparadas para um movimento revolucionario de resultados sérios, um homem de excepcional valor poderia, ao menos por momentos, suggestionar e arrastar o espirito indifferente da nação. Não faltam exemplos na historia.

Em qualquer caso, porém, lá apparecia o poder dirigente das individualidades, incontestavel no estado de evolução em que vae toda a humanidade.

Cromwell não fez a revolução ingleza. Esta veio da tal somma de parcelas a que se refere Tolstói. Mas, sem elle, a revolução não teria chegado a destronar e a degolar Carlos I. Sem elle, a revolução tomara um rumo differente. Cromwell foi o homem de que a Inglaterra precisava n'aquelle instante.

Estava predestinado a isso? Foi um instrumento da fatalidade?

A admittir-se esta philosophia, o esforço individual acabou-se, a não se concluir que este mesmo esforço seja outra obra da fatalidade. Mas, então, tanto fatalismo vem a redundar em nephelibatices desmarcada.

Então é que o clericalismo encontrava um concorrente formidavel. Desde que o fatalismo fosse absolvição para todos os crimes, relaxamentos e mandriões,

desde que elle explicasse tudo, o bom e o mau, importando uma completa irresponsabilidade, pediam os padres, cuja força está no temor de Deus por um lado e na absolvição pelo outro, tratar d'outro officio.

Mas voltemos a Cromwell e ouçamos o que sobre elle diz sensatamente Armand Carrel—pag. 60 da obra já citada:

«Foi uma felicidade para a Inglaterra que tal homem tomasse sobre si a responsabilidade d'uma violencia inevitavel, porque da usurpação veio a ordem em vez da anarchia e a ordem era necessaria. Por toda a parte e em todos os tempos foram as necessidades que fizeram as convenções chamadas principios e sempre os principios se calaram deante das necessidades. A Inglaterra precisava de segurança, de repouso, d'uma grandeza que se impozesse aos inimigos exteriores da revolução e dos interesses commerciaes do paiz. Tornava-se urgente uma administração que comprehendesse todos os partidos sem pertencer a nenhum; que aceitasse todas as idéas do tempo sem professar exclusivamente nenhuma; que se servisse do exercito sem se acorrentar a elle. Cromwell deu tudo isso. Não teve o affetto dos ingleses, mas teve a sua confiança. As classes laboriosas não protestaram contra o seu despotismo porque tiveram tanto interesse como elle em que as disputas dos partidos cessassem, porque os resultados materiaes da revolução subsistiam. Tinha-se exigido de Carlos I o voto livre do imposto porque estavam todos cansados de sustentar os bispos, os capitulos, os grandes senhores, os intrigantes da corte: a administração de Cromwell era proba, economica, bem distribuida e sem sinecuras. A nação tinha-se revoltado contra a tyrannia religiosa dos bispos e contra as pretensões renascentes dos papistas: Cromwell deixou professar livremente todas as crengas, não tolerando apenas os papistas, os quaes, ainda assim, gosavam na Irlanda de mais liberdade do que anteriormente. Emfim, no principio da revolução era manifesta a ruina do commercio exterior e da industria manufacturera: Cromwell dictou a lei aos estrangeiros tanto nos portos da Inglaterra como nos seus proprios mercados. A Inglaterra, rica, activa, poderosa, respeitada como nunca o fora no tempo dos seus reis, chegou a esse esplendor pela habilidade com que Cromwell poupo os recursos e as forças creadas pela revolução.»

Mas não ha formosa sem senão. Cromwell, que repelliu sempre todas as propostas que lhe fizeram para se declorar rei, era excessivamente autoritario. Não se limitou a perseguir os *niveladores*, que guerreavam a republica, nem os presbyterianos que eram intolerantes e que não comprehendiam a revolução, nem os realistas, inimigos da liberdade e da patria. Perseguiu os proprios republicanos, que pretendiam que os resultados da revolução fossem garantidos por instituições capazes de sobreviver ao homem.

Este erro deu em resultado a republica morrer com Cromwell. Se por um lado este homem

segurou e engrandeceu a revolução, por outro lado deixou-a sem alicerces para se firmar e manter.

Estranha diversidade do destino, se é elle, como pretendem os fatalistas, que tudo empolga e dirige!

A INVASÃO JESUITICA

Na Italia o governo vae occupar-se detidamente da situação que poderá alli crear a invasão dos jesuitas emigrados da França e da Hespanha.

A opinião publica reclama severas disposições contra as congregações religiosas.

Na Belgica tambem os diarios liberaes e os socialistas proseguem na sua campanha contra a invasão de frades e freiras que tencionam estabelecer-se n'aquelle paiz.

É a guerra geral e de morte contra as congregações religiosas, que estão fatalmente destinadas, pelos seus excessos e ambições, a passar á historia.

"VITALIDADE,"

Este nosso collega de Aveiro escrevia no domingo passado, a proposito do louvor em ordem de divisão,—que do louvor em ordem do exercito ainda não tinha conhecimento,—concedido ao nosso amigo sr. capitão Homem Christo, aquillo que passámos a transcrever. E transcrevemo-lo porque é um preito de justiça dictado pela maior sinceridade, que tanto mais deve agradar ao nosso amigo quanto é certo partir d'um homem da sua terra, que o conhece desde pequeno, sem ter, comtudo, as minimas relações pessoais com elle d'um homem que, pela sua profissão e pelo seu meio, mais podia deixar-se possuir de animadversão que qualquer outro.

Quando são tantas as más vontades contra o nosso amigo, quando os primeiros a mostrar o seu despeito contra elle são os chamados *democratas*, os apregoados *liberaes*, é consolador ver um homem, que não blasona de liberalismo nem de democracia, escrever a seu respeito com tanta independência e sinceridade.

De resto, diremos, como simples explicação, que o sr. Homem Christo não é um *pessimista*, no sentido commum d'esta palavra. Um pessimista é um misanthropo, um descrente, um inutil á sombra d'essa descrença. Bem sabemos que o honrado articulista da *Vitalidade* não quiz encerrar o nosso amigo sob esse ponto de vista. Comtudo, sempre aproveitámos a occasião para affirmar que o sr. Homem Christo é um crente como poucos. Cré na li-

berdade, na civilização, na justiça, por ellas trabalha sem cessar por isso mesmo que não ignora que essa civilização, que tanto encanta o seu espirito, resulta sempre dos esforços conjugados e persistentes de muitos.

Eis as palavras da Vitalidade:

Já n'outra occasião, e só por nossa conta propria, sem suggestão ou responsabilidade d'outra pessoa, transcrevemos um documento identico a este, em que se affirmavam, em documento official, as qualidades de intelligencia e de trabalho do sr. capitão Francisco Christo. Agora fazemos est'outra transcripção, e nos mesmos termos.

Quem escreve estas linhas não vive na inveja dos meritos alheios, nem na ancia impotente de correr cegamente atraz d'elles; todavia, mercê de Deus, não lhe falta o sentimento da justiça e da verdade, que manda prestar honra ao merito onde quer que elle esteja.

O sr. Christo pouco nos preceder nas aulas do lyceu, e logo se distanciou muito de nós, indo sempre avante, e prosperante, na carreira dos seus estudos, evidenciando-se bem cedo ainda pelo seu apego aos livros, pela sua intelligencia, e pelo seu espirito aventureiro e independente. Depois que se distanciou, nunca mais trocamos palavra.

Mas lembra-nos ainda, e muito bem, dos seus primeiros artigos publicados n'um jornal da localidade, sob a rubrica de *Um estudante de Lisboa*. Revelava n'elles já a sua tendencia para polemias rudes e sérias, em que logo se distinguia quando entrou, a valer, no jornalismo de combate.

O que, depois, foi; o que tem sido, e o que é, sabe-o o paiz, porque o sr. Christo é dos portuguezes de quem se fala em todo o paiz, pela sua illustração, pela sua energia, e pelo seu pessimismo, ou como melhor deva classificar-se, que o leva a descarregar duros golpes sobre tudo o que não quadra á forma da sua orientação.

A nós, parece-nos que as suas opiniões e ideias são algumas vezes extremas, e que, guiado por um amor entranhado da liberdade, chega a advogar verdadeiramente o despotismo. Mas, decerto, que não é assim; o defeito está em nós, que não temos igual orientação, não podemos aspirar a ella, e, portanto, não a comprehendemos.

A verdade, porém, é que não nos sentindo muitas vezes empolgados pelo modo de ver do sr. Christo, achando ás vezes as suas opiniões extremas, ou pelo menos fora do pequeno circulo em que laboramos pacatamente, todavia, lemos, sempre com prazer e com interesse os seus artigos, não sendo muito longos. De quando em quando, sobretudo, diz verdades como punhos, e dil-as com o arreganho, ou antes com a franqueza rude que muito devia aproveitar se a corrente dominante da epoca não fosse como é accommodaticia, de servilismo, de descaramento e hypocrisia ao mesmo tempo, e de empenhoca. Ora nós somos muito contra essa ignominia, que derreia o homem, contra esse, servilismo a que tantos se sujeitam ignobilmente, quer seja para subir, quer para medrar.

O merecimento do homem não está em metter-se debaixo dos outros: está em ser o que é. Se tem meritos, que se lhe faça justiça. Se tem competencia que lh'a procurem, que lh'a utilizem. Essa é que deve ser a norma.

A maior baixaza que pôde haver, está justamente em o individuo se rojar para subir, abdicando da sua dignidade para florear. Obscuro ou illuminado, poderoso ou humilde, o homem é grande sendo o que é, e não tendo vergonha de parecer o que é.

Ora n'esse campo o sr. Christo é uma individualidade. Se como escriptor, como polemista, se destaca e sobreleva a muitos mais, como militar é dos officiaes que mais honram o exercito pela sua illustração, pela sua observancia á disciplina e empenho em mantel-a.

Por isso, por dever de consciencia fazemos a transcripção acima, associando-nos do mellior grado á homenagem prestada ao sr. Christo, e continuando a laborar pagatamente no

nosso campo, com a nossa pobre bagagem, sem ansiedades insoffridas e impotentes de qualquer especie.

E não duvidamos affirmar que o illustre militar não devia ser louvado só sob uma forma generica; mas devia ter louvores especiaes, porque os seus meritos especiaes não podem ser ignorados; são, decerto, geralmente reconhecidos.

o nosso folhetim

E' tanta a agglomeração de original que ultimamente nos tem affluído, que somos obrigados a retirar hoje o nosso folhetim por falta de espaço. Os colleccionadores que nos relevem esta falta.

A grande republica franceza prepara-se para solemnizar no dia 26 de fevereiro de 1902 o centenario do nascimento do seu maior poeta, o immortal Victor Hugo.

Condemnado á morte duas vezes

Na ultima sessão do conselho de guerra de Tunis, que teve logar na ultima sexta-feira, o coronel Nolot, presidente, lêu em voz alta o decreto do presidente da republica que commutava em 10 annos de trabalhos publicos a pena de morte em que o soldado Gaetan havia sido condemnado por sentença de 28 de julho. Este, que se achava presente, ouviu no mais religioso silencio aquella leitura; mas finda ella voltou-se para o sargento que o escoltava e pespeçou-lhe nos queixos um valente sopapo, que o fez ver as estrellas.

Em consequencia d'este inesperado acontecimento, o conselho de guerra condemnou immediatamente Gaetan, e pela segunda vez, á pena de morte.

Se o presidente da republica se não resolver a commutar-lhe de novo a pena, deve o carrasco ter cantella com o terrivel homemsinho, pois é elle muito capaz de aproveitar os ultimos momentos de vida para lhe esborrachar as ventas.

Cartas d'Algures

29 DE AGOSTO.

Varios priodicos veem atacando violentamente a camara municipal de Lisboa. Tem razão, mas acordam tarde. E' a moral e a justiça d'esta terra!

Ha meia duzia d'annos demonstrou o *Povo de Aveiro* todas as patifarias que se commettiam no municipio da capital. Não foi uma campanha de palavras, como agora. Foi uma campanha de factos. Citarám-se todos os actos criminosos e irregulares dos vereadores da capital, cujas figuras dominantes eram as mesmas que são hoje. Provaram-se todas as accusações.

Qual foi o resultado? Os senhores vereadores mandaram proceder judicialmente contra o *Povo de Aveiro*. Ninguém fez causa commum com esse semanario, inclnindo os cidadãos seus proprietarios e mentores d'então, que, egoistas e accomodaticios como quasi toda a gente em Portugal, querendo tanto saber da honestidade publica, da moralidade, da justiça, dos bons principios como eu quero saber da primeira camisa que vesti, até suspenderam, com medo, o *Povo de Aveiro*, lançando, d'esse modo, sobre esse periodico, a unica vergonha que eu lhe conheço.

Afinal, julgando que se benziám quebraram os narizes, como succede a todos os pusillanimes e medrosos.

Suspensio o *Povo de Aveiro*, tri-pudiaram sobre elle todos os patifes, uma villanagem infame que

se teria contido cheia de medo se o jornal existisse. Aconselhando eu um recurso para serem accetites as provas da accusação, recurso que foi sempre admittido, que foi admittido agora mesmo, nas mesmíssimas circumstancias em que se achava esse periodico, ao ex-vereador Dias da Silva, os cidadãos proprietarios e mentores do *Povo de Aveiro* preferiram calar-se e deixar-se julgar. Vejam que imbecilidade!

Se tem recorrido, o *Supremo Tribunal de Justiça* faria o que sempre fez, isto é consideraria o corpo municipal responsavel, como os funcionarios publicos, admittindo que contra elle se fizesse prova. N'estas condições, o tribunal em Aveiro seria constituído pela forma especial prescripta na lei e a absolvição do porridico seria certa, com triumpho da justiça, com cheque tremendo nos vereadores do D. Xarope e com salvação das costas e da bolsa do editor e do proprietario.

Vejam os leitores como uma imbecilidade é causa de perdas importantes, de ordem moral e material!

O que se teria feito por um processo em favor da moralidade e em proveito dos accusadores, fez-se por outro processo em desprestigio completo da justiça, em abatimento da moralidade e da razão, e em prejuizo material do periodico e dos seus mentores.

Tanto pôde a imbecilidade e a fraqueza!

E o que tem graça é que, n'essas circumstancias, quem apparece sempre, perante o publico, como victima e como cheio de razão, é o imbecil, ou são os imbecis, porque quasi sempre ha mais do que um, que sahiram do caminho recto para se metterem em atoleiros e atalhos.

Suspensio o *Povo de Aveiro*, o editor entregue como um cordeirinho ao tribunal, o advogado de accusação disse quanto quiz, o juiz — nm celebra figurão! — fez quanto quiz, e a camara municipal de Lisboa, que tinha á farta dinheiro dos municipes para gastar, ficou-se rindo impunemente.

A unica vergonha porque tem passado esse periodico, vergonha contra a qual eu protestei e protestarei até morrer!

O *Povo de Aveiro* pôde suspender amanhã a sua publicação, sem desdouro de qualidade alguma. Nenhum motivo de honra o obriga a viver. Suspende, se quer, ou se não pôde viver por falta de recursos, ou por outra falta qualquer. Ninguém tem nada que lhe dizer, nem elle tem que dar satisfacões a ninguem. Mas em occasiões d'aquellas e por motivos d'aquelles, nunca! Um jornal que é uma entidade moral, não foge, como não foge nunca um homem digno d'este nome. E o *Povo de Aveiro*, n'essa occasião, fugiu.

O unico desdouro que pesa sobre elle, e contra o qual, infelizmente, eu nada pude n'essa occasião. Resta-me a consolação de ter protestado, por todas as formas, contra a covardia. E' singular que o *Povo de Aveiro* cahisse então com desdouro por se terem revoltado contra mim os seus proprietarios e mentores e que nunca succumbisse, n'outras crises mais graves, quando os seus proprietarios e mentores seguiram o meu modo de ver e de proceder, acatando a minha opinião.

Mas bem. O que eu quero é tirar a moral do conto, mais nada. Nenhum jornal nos acompanhou na nossa campanha de moralidade. A vereação ficou impune. Seis annos depois, o sr. Dias da Silva, primeiro, o *Seculo* e outros periodicos, depois, reeditam todas as nossas accusações, porque não fizeram mais do que reedita-las, — em termos aliás muito menos logicos e precisos, — e a camara é corrida pelo desprezo publico e dissolvida pelo governo.

Comtudo, bem sabia o governo de ha seis annos, bem sabia o *Seculo*, bem sabiam todos que

eram verdadeiras as nossas accusações contra a camara do D. Xarope, que todos, então, protegiam e defendiam!

Tal é o mundo.

Tal é a moralidade e a justiça n'esta terra.

A. B.

A navegação aerea

Diversos jornaes de Paris dizem que o brasileiro Santos Dumont tem já concluido o seu balão n.º 6 e que em breve vae recommear com as suas experiencias.

Outros jornaes acrescentam que na revista militar de Reims, a que assistirão os imperadores da Russia e o presidente Loubert, se farão experiencias aeronauticas, dando-se a conhecer dois progressos realizados na dirigibilidade dos balões e que se conservam em segredo.

Os jornaes inglezes receberam noticias bastante graves da insurreição dos africeanders, confessando alguns que se a insurreição continua a alargar-se, a Inglaterra acabaria por perder os seus dominios na Africa Austral.

A INSTRUCCÃO NACIONAL

O «Diario de Noticias», de Lisboa, publicou, no sabbado passado, o importante artigo que passamos a transcrever. Importante, já pela alta cotação que tem no mundo militar as officinas que escrevem sobre assumptos da sua especialidade n'aquelle periodico, já porque, segundo nos informa pessoa competente, quem escreveu o artigo leu o relatorio do sr. Homem Christo, indicando, assim, que está na intimidade das altas regiões do exercito, já, finalmente, pelas conclusões a que chega, que são muito significativas provada essa intimidade.

Como o anctor do artigo affirma, a escola regimental é das vellias tradicções do exercito e ha mais d'um seculo que a instrucción litteraria é do espirito militar. Não se tem, porém, chegado a um resultado pratico e efficaç. Este resultado procurou-o o sr. Homem Christo e demonstrou que será completo no dia em que fôr decretada a instrucción litteraria obrigatoria por companhias.

O sr. general Moraes Sarmento, que tem amor á instrucción, deixou consignado na lei, quando ministro da guerra, o principio da instrucción litteraria por companhias. Mas apenas como uma concessão. Concedeu que o capitão ensinasse a lêr, escrever e contar os soldados da sua companhia, quando o pedisse. Ora passaram-se annos sem que nenhum capitão pedisse tal coisa. O que é então necessario fazer? Converter a instrucción litteraria por companhias de facultativa em obrigatoria, como na Allemanha, onde é o capitão, elle e só elle, quem ensina tudo á sua companhia.

Consta-nos que é esta conclusão que o sr. Homem Christo advoga, com largos fundamentos e argumentos, no relatorio que foi enviado ao sr. ministro da guerra.

Como muito bem diz o articulista do «Diario de Noticias»,

a instrucción aos analphabetos militares é um grande serviço, prestado não só ao exercito como a toda a sociedade portugueza.

O que tem graça é que sejam os militares quem ponha mais empenho em resolver o problema do analphabetismo. O sr. ministro da guerra não hesitou um segundo em conceder ao sr. Homem Christo a licença por elle pedida para tentar a experiencia que realisou em infantaria 14, sendo certo que esse pedido podia provocar as susceptibilidades do ministro, sendo feito, como foi, no dia immediato áquelle em que o sr. Pimentel Pinto, por motivos aliás justificados, mandava suspender a instrucción aos analphabetos no exercito. O mesmo sr. ministro da guerra não teve oito dias o relatorio do capitão Homem Christo nas suas mãos sem louvar este official, contra a expectativa de muitos, sendo nós d'este numero. Isto prova, pelo menos, o interesse e attenção que o sr. Pimentel Pinto dedica ao assumpto.

O mesmo interesse demonstrou o commandante da 4.ª brigada de infantaria, o chefe d'Estado Maior na 2.ª divisão militar, o general commandante d'esta divisão.

O sr. general Sepulveda, commandante da 3.ª divisão militar, é um partidario decidido da instrucción litteraria aos analphabetos do exercito. Já quando commandante da 2.ª divisão tentou, pelo methodo João de Deus, alargar a instrucción de leitura e escripta nos regimentos,

Emfim, é ainda um militar que no «Diario de Noticias» dá alguma publicidade á tentativa do sr. Homem Christo.

Os civis, os *democratas*, esses ficaram na sua indiferença e no seu mutismo.

Pois não é tão vulgar um capitão ensinar a lêr e escrever os recrutas da sua companhia, nem é tão insignificante esse serviço, que deixa de ser exclusivamente militar para se tornar profundamente nacional, que os *democratas* das duzias podessem ficar indifferentes.

Se as conclusões do relatorio do sr. Homem Christo foram approvadas, isto é: se o ensino aos analphabetos se tornar obrigatorio, por companhias, nos regimentos, o analphabetismo — oxalá que o exercito fique com esta gloria — levot o mais rude golpe que se lhe podia dar em Portugal. Mas isto são assumptos sérios e graves demais para a futilidade e insignificancia democratica d'esta terra.

Segue o artigo do «Diario de Noticias»:

QUESTÕES MILITARES DO DIA

Analphabetismo no exercito

O derramamento da instrucción nas classes populares é, entre nós, uma questão não resolvida praticamente, embora todos reconheciam ser deploravel o facto da enorme percentagem de analphabetos existentes no paiz. Sem querermos entrar na apreciação das causas originarias de um tal estado de coisas, limitaremos as nossas considerações a um ponto de vista mais concreto, o da existencia d'esse mal no exercito.

Recebendo annualmente os seus contingentes de recrutas, originarios, na sua maior parte, das classes populares, o exercito conta nas suas fileiras um grande numero de analphabetos, que por isso mesmo, no estad

actual dos conhecimentos e das exigencias militares, não pólem obter uma instrucção militar e uma preparacção para a guerra tão completas quanto seria para desejar, pois que hoje, com o serviço reduzido, se exige muito mais da intelligencia e da rapidez de comprehensão do recruta do que do automatismo a que pouco mais ou menos se pretendia reduzir o soldado de outr'ora.

Em todo o caso, desde as instrucções do conde de Lippe, sempre se cuidou, no nosso exercito, de procurar combater o analfabetismo, creando a aula regimental a cargo do capellão e obrigando mais ou menos os soldados a frequentarem essa aula. A tradiçião da aula regimental tem-se estendido até hoje e sempre se procurou tirar de tal instituicção o maior proveito pratico, dando-lhe regulamentacção adequada e conforme com os preceitos geralmente seguidos.

Contudo as difficuldades subsistiram sempre em grau mais ou menos desenvolvido, conforme o numero dos recrutas annualmente entrados nas fileiras, os quaes, na sua maior parte inteiramente analfabetos, pejavam a aula regimental sem obterem resultado sensivel em consequencia do seu avultado numero, além de muitos, em razão da sua idade e pouco desenvolvimento intellectual demandarem cuidados, attentões e processos, cuja applicacção nem sempre se coadunava não só com o tempo disponivel como tambem com a grandeza numerica da classe.

A reduccão do tempo de serviço e a necessidade de licenciar o maior numero de praças possivel para reduzir os effectivos ao numero fixado pelas verbas orçamentacs, trouxeram ainda um maior agravamento do mal existente, reconhecendo-se implicitamente que não era proficio o regimen existente de obrigar todos os recrutas analfabetos ou com instrucção incompleta e imperfeita, a frequentarem a aula regimental durante o periodo de instrucção militar.

Além d'isso, esta tinha passado, ha annos, para as companhias, esquadões e baterias, continuando, porém, a instrucção litteraria a cargo do capellão e outros auxiliares, que d'essa forma reuniam na aula regimental todos os recrutas do regimento. Esse facto ainda mais contribuiu para que esta não attingisse os resultados que da sua instituicção se pretendia obter, e isso não por falta de zelo e dedicacção d'aquelle pessoal, mas simplesmente por carencia material de meios adequados a fazel-a prosperar.

Attendendo a todos estes factos e reconhecendo a incontestavel utilidade que para os recrutas da sua companhia resultaria de obterem instrucção de leitura, escripta e quatro operações, lembrou-se um capitão de infantaria n.º 14, o sr. Homem Christo, de solicitar autorisacção superior para proceder áquelle ensino, ministrando-o aos seus recrutas na companhia, em vez de se matricularem na aula regimental, autorisacção que immediatamente lhe foi concedida.

Fez-se a experiencia com o ultimo contingente e foi coroada d'um tal exito e mostrou-se d'uma forma tão concludente a exequibilidade do processo, que, certamente, no proximo contingente, outros o seguirão, fazendo d'essa forma um excellente serviço não só ao exercito, mas até ao paiz que pouco a pouco poderá assim ver diminuida a percentagem dos seus analfabetos.

Recebidos os recrutas em infantaria 14, e distribuidos ás companhias, verificou-se que na sua maior parte eram inteiramente analfabetos, alguns, em pequeno numero, mal sabiam ler, muito poucos sabiam ler e escrever alguma coisa e era insignificante o numero dos que sabiam as quatro operações. O sr. Homem Christo dividiu os seus recrutas nas diversas cathedrias e começou o seu ensino methodico com duas lições diarias, de manhã e á tarde, nos tempos livres da restante instrucção; dedicando-se com decidido afan a esse ensino e sendo auxiliado pelos subalternos e sargentos da companhia, conseguiu que, no termo da instrucção militar, todos soubessem ler e escrever por forma a satisfazer plenamente uma commissão de officiaes que foi nomeada expressamente para proceder ao

seu exame e verificar o estado da sua instrucção.

Além d'isso, alguns d'esses recrutas foram submettidos ao exame de classe de cabos sendo plenamente aprovados e alguns distinctos.

O sr. ministro da guerra, tendo conhecimento d'estes factos e apreciando no seu justo valor o trabalho executado, manifestou o seu applauso a tão meritorio procedimento, usando da sua competencia para louvar na sua ultima Ordem do Exercito o capitão sr. Homem Christo «pela iniciativa, zelo e aptidão de que deu manifestas provas, ministrando a instrucção de leitura e escripta aos recrutas da companhia do seu commando»

Que tão bello exemplo fructifique, é o que sinceramente desejamos, tanto mais que, além do serviço prestado á sociedade, se consegue tambem ligar mais intimamente os soldacs aos seus officiaes, afeicãoando-se a elles e ligando-se assim por um laço mais intimo do que apenas o da disciplina e obediencia militar. E' convicção nossa de que assim succederá e que no proximo contingente veremos ensaiado o processo nos diversos regimentos, até que finalmente se transforme em pratica constante em todo o exercito.

Contingente militar

O *Diario* publicou uma portaria mandando distribuir o contingente militar de 1901 pelos districtos do recrutamento e reserva, conforme as tabellas annexas.

Chá como veneno

São toxicas as essencias que entram na composicção dos aperitivos. E' toxico o aniz e o chá.

Em Paris e Nancy registaram-se casos de envenenamentos em pessoas que tomaram infusões de aniz e chá.

Este ultimo, quando se faz muito forte, ou excessivamente concentrado, produz alterações nervosas, syncopes e vomitos.

Uma senhora morreu ha dias por ter tomado 300 grammas de chá em 300 grammas de agua.

Conclue-se que uma infusão, demasiadamente bem feita, póde chegar a ser mortifera.

LOUVORES

A ordem regimental de infantaria 14 publicava em 25 do corrente o seguinte:

«Tendo constado a Sua Ex.ª, o sr. tenente coronel commandante interino do regimento, o exposto pelo sr. capitão da 1.ª companhia do 2.º batalhão Francisco Manuel Homem Christo, que na instrucção de leitura e escripta, que ministrou aos recrutas da sua companhia, pelo que foi louvado na Ordem do Exercito n.º 15 de 19 do corrente, muito o coadjuvaram o sr. alferes Antonio Rodrigues Paes e o 2.º sargento n.º 68—349, Frederico Ferreira de Jesus, o mesmo Ex.º Commandante louva, como lhe faculto o art. 135 e nos termos do art. 125 do Regulamento Disciplinar do exercito, o referido alferes e sargento, pelo notavel zelo que desenvolveram no auxilio que prestaram áquelle capitão.»

Este louvor, proposto pelo sr. capitão Homem Christo, e attendido de prompto pelo sr. tenente coronel de infantaria 14, cujo espirito de equidade e caracter cavalheiresco é de todos conhecidos, é justissimo.

O sr. Homem Christo ensinou o methodo João de Deus aos officiaes e sargentos da sua companhia. Depois dividiu esta em grupos, porque ser-lhe-hia impossivel constituir dos 40 recrutas,

que tantos eram, um grupo só. Ensinou um directamente e viu-giou e dirigiu o ensino dos outros. Ora tanto o sr. alferes Paes como o 2.º sargento Ferreira puzeram o maior empenho e zelo em ensinar os grupos que lhes estavam distribuidos. E o sr. Homem Christo é tão prompto e energico em prevenir e castigar faltas, como prompto e energico —é esta a justiça e a disciplina —em defender os direitos dos seus subordinados e em lhes conceder ou propôr os premios que pelos seus serviços possam merecer.

Cumpriu, pois, o seu dever, propondo o louvor ao sr. alferes Paes e sargento Ferreira e o sr. tenente coronel commandante interino do regimento fez rigorosa justiça, attendendo-o.

Ha em infantaria 14 um grupo de officiaes trabalhadores e intelligentes como poucos. Já n'outro dia aqui publicámos um louvor ao sr. tenente Joaquim Freire Ruas, um official muito distincto e um caracter primoroso, professor habilitadissimo do 2.º curso, instructor de primeira ordem, sempre zeloso no cumprimento dos seus deveres, e ao sr. alferes José da Fonseca Lebre, egualmente merecedor de consideracção e estima pelas suas qualidades pessoas e meritos militares.

Hoje publicámos o louvor, que ali fica, ao sr. alferes Paes, que é outro official sempre prompto a trabalhar, sempre zeloso em se desempenhar dos encargos que lhe são commettidos, sem uma queixa, sem o mais insignificante signal de má vontade, sem um murmuro, por mais duro que seja o serviço, virtude nobilissima em que poucos o egualam e ninguém o excede.

Esses officiaes, e alguns outros de infantaria 14 que ainda não tiveram a sorte de ser officialmente distinguidos, desmentem bem a fama tradicional de mandrice de que gosam no publico os officiaes do exercito.

Ainda bem.

O decano dos maçons

Com 104 annos de idade, morreu em Portsmouth o ferreiro Carlos Cook. Era actualmente o maçon mais velho do mundo.

TYPOGRAPHIA DO POVO DE AVEIRO

Accepto de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. En-carrégamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

No logar da Motta, na Burquinha, um incendio destruiu a casa de uma mulher, morrendo queimadas quatro creanças, a mais velha das quaes tinha seis annos.

ASSOCIAÇÃO DAS ESCOLAS MOVEIS

(Conclusão)

Ha 25 annos que o problema do ensino de leitura está resolvido em Portugal pelo feliz invento do auctor da «Cartilha Maternal».

Em 1894 escrevia o primeiro socio fundador das «Escolas Moveis»:

«Demos já alguns exemplos do que vale a iniciativa individual; entre elles o do conde de Ferreira, com o legado de 143 contos para a creacção de 120 escolas. Nas «Escolas Moveis» houve um subscriptor, o fallecido «Simplicio Gago da Camara (Ilha de S Miguel)», que pagava a quota annual de réis 100\$000; não ha mais de 500 homens de fortuna, no paiz, que possam contribuir com igual somma? Com alguma boa vontade seria difficil encontrar mil subscriptores que pagassem a quota annual de 50\$000 réis e outros mil a 30\$000 réis? Havendo menos egoismo e indifferença não seria facil alcançar 5:000 socios a 20\$000 réis, 10:000 a 10\$000 réis, 50:000 a 6\$000 réis, 100:000 a 2\$400 e 200:000 a 1\$200 réis? ... Mais alguma economia e moralidade nos costumes publicos e o sacrificio não seria grande!

Digamos então:

500 subscriptores a 100\$000 réis 50:000\$000, 1:000 idem a 50\$000, 50:000\$000; 1:000 a 30\$000, 30:000\$000; 50:000 a 20\$000, 100:000\$000; 10:000 a 50\$000, 100:000\$000; 50:000 a 6\$000, 100:000\$000; 100:000 a 2\$400, 240:000\$000; 300:000 a 1\$200, 240:000\$000; 367:500 subscriptores, 1.110:000\$000 réis.

E não se julgue muito avultado tal numero de subscriptores; representa menos de 7 1/2 % sobre a população do paiz—cinco milhões de almas.

Digam-nos agora se com mil contos, n'uma duzia de annos e com o methodo de João de Deus, o paiz inteiro não estaria já sabendo ler e a saber quaes eram os seus direitos e deveres!

Ha demasiado optimismo n'estes calculos?

Supponhamos então que duzentos mil cidadãos (só 2 % da população portugueza), isentos de egoismo—dominados por um sentimento altruista—deliberavam cortar nas suas despesas «diarias»—por exemplo—n'esses venenos de que fazem uso: «tabaco e vinho», uma verba «inferior a 5 réis»—cerca de 3,3 réis—(cem réis por mez, o chamado vintem semanal ou o vintem das escolas). Ali tinhamos a ultima addicção do nosso calculo—240 contos por anno. Tambem nós quererão convencer que já não ha 200:000 cidadãos honestos em Portugal—capazes de comprehender que as formas do governo passam e só a nação tem direito a ficar?

Com a receita annual de 240 contos, como já foi dito, as «Escolas Moveis» sustentavam 600 professores por anno, com o vencimento médio de 400\$000 réis cada um. Cada professor dá tres cursos por anno—90 lições uteis.

Tinhamos pois 1800 cursos annuaes; a 50 alumnos por missão, dá-nos um total de 90:000. Assim, nos 12 annos que já conta a associação (em 1894)—só com aquella receita, 240 contos, podiam ter aprendido a ler, escrever e contar 1.090:000 individuos. Houvesse ainda mais duzentos mil cidadãos bastante generosos para auxiliar a associação, «7 réis por dia»—2\$400 réis por anno (receita 480 contos) e teriamos, nos mesmos doze annos, iniciado nas primeiras letras todo o paiz—e, como na Suissa, seria difficil encontrar hoje um analfabeto em Portugal. Eis aqui o que se poderia ter feito com a «Cartilha Maternal» e com as «Escolas Moveis»—sem auxilios de governos e só pela vontade e pela iniciativa individual.

João de Deus, disse: «Ser homem é saber ler; e nada mais importante, nada mais essencial que essa modesta e humilde coisa chamada—primeiras letras.»

Como affirmou ha pouco o «conde Tolstoï», a vontade de Deus resume-se n'esta simples maxima do Evangelho: «Que todo o homem ame os seus semelhantes e proceda para com elles como desejaria que elles procedessem para comsiro.»

E' pois em nome da fraternidade e da solidariedade humana que temos a honra de nos dirigir a V. Ex.ª pedindo-lhe a alta mercê do seu benevolento concurso a favor das «Escolas Moveis», instituicção que se propõe dar o pão do espirito a quatro milhões de famintos de luz.

A illustrada imprensa do paiz e das colonias portuguezas no estrangeiro, «sem distincção de partidos politicos», desde já agradeceremos reconhecidos todo o auxilio que se dignar prestar-nos n'este commettimento, dando noticia d'esta circular ou publicando-a.

Lisboa, 1 de julho de 1901.

A Commissão auxiliar de propaganda: «Major Antonio de Campos Junior», escriptor publico, auctor do romance historico «Guerreiro e Monge», etc., etc; A. J. Simões d'Almeida, presidente da Associação Commercial de Lisboa; Domingos José de Moraes, negociante e industrial; Eduardo Ferreira Pinto Basto, negociante e proprietario; José Pinheiro de Mello, presidente da Associação Commercial dos Logistas de Lisboa; dr. Theophilo Braga, escriptor publico e Lente do Curso Superior de Lettras.

A direcção das «Escolas Moveis»: Presidente—dr. S. de Magalhães Lima, jornalista e presidente da Liga Portugueza da Paz; vice-presidente—visconde de Carnaxide, antigo deputado e secretario do Tribunal do Commercio; Secretario—José Adolpho de Mello e Sousa, antigo deputado e director do Banco Commercial de Lisboa;

vice-secretario—dr. Carlos Tavares, Lente cathedratice da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa; Vogaes: dr. Augusto Faustino dos Santos Crespo, antigo deputado e medico; Antonio Jacintho Fernandes, antigo negociante e capitalista; João Jacintho Fernandes, antigo negociante e capitalista; Luiz Eugenio Leitão, negociante e presidente honorario da Associação Commercial de Lisboa; Theoureiro Casimiro Freire, commerciante.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a maravilhosa e surpreendente Exposicção Fabril Singer installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

O methodo de João de Deus

O auctor da *Cartilha Maternal* tinha o dom da previsão. Conhecendo o que era a burocracia do seu paiz e que o bacharelismo conselheiral um dia estabelecerá o monopolio dos livros para lhe condemnar o seu methodo—declarou (*A Cartilha Maternal* e o *Apostolado*, pag. 26) que era partidario da liberdade e que nunca assignaria um requerimento pedindo o exclusivo para a sua obra.

Escreveu o poeta: «A adopção, isto é, a imposição do methodo a professores que não o comprehendem, não serviria senão de o desacreditar. E ainda que o comprehendessem, se não o preferissem, pondo-o em pratica de mámente, não colheriam d'elle os devidos resultados.»

O magisterio é um sacerdocio que prende essencialmente com as disposições internas. Ensinar o que senão approva, corresponde a ensinar o que se não sabe. Isto foi escripto ha 22 annos. Pois em 1899 a burocracia expediu, pelo ministerio do reino, portaria—pondo em duvida se o methodo de João de Deus se compõe de 1.ª e 2.ª parte—completando-se. Fez-se isto com o astucioso pretexto de banir das escolas publicas a obra de João de Deus!

Fazendo a critica da *Cartilha Maternal*, escreveram a sr.ª D. Carolina Michael de Vasconcellos, insigne escriptora doutorada por uma universidade allemã: «... N'esse proximo, quarto e ultimo artigo, passaremos em revista as outras principaes cartilhas portuguezas, para realizar o exame comparativo que promettemos. Escusado será dizer que todas juntas não valem a primeira.»

«Agora que o homem de genio achou a maneira de equilibrar o ovo sobre uma das extremidades, surgem já os imitadores que, perplexos diante da maravilhosa simplicidade da idéa, julgam tel-a inventado.»

(*Ensino*, n.º 5, 1877, Porto.)

A propheta feita ha 24 annos pela erudita escriptora sahio certa. Em Portugal e no Brazil depois de publicado o invento do educador nacional fervilharam as imitações e os grosseiros plagiatos do methodo de João de Deus. Dizem-nos agora que na pedagogia indigena surgiram mais dois astros de primeira grandeza: em Celorico de Basto, Candido Teixeira de Moraes com as *Primeiras lições de leitura*; em Lisboa, o delegado Trindade Coelho com o seu *a. b. c. do Povo*. Ditasas as mães que taes genios pariram!

ANNUNCIOS

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentacção de todos os animaes.

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moído, açúcar e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de lonca de Sacaven que vende com 15 p. c. de desconto da tabeilla da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fazendo grandes descontos para faverder.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.) betanha e biscoto das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereas e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante comissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

AVEIRO

FERRAGENS, ra e em pasta, estanho, pregos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarráz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, clorofo, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminós e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A venda no estabelecimento de **Domingos José dos Santos Leite**

RUA DO CAES

AVEIRO

NOVA ALOUILLARIA

MANUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

Nesta casa continua a haver carros de alugor, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—AVEIRO

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

SAPATARIA AVEIRENSE DE Marques d'Almeida & Irmão

AOS BALBOES

Garante-se a perfeição e solidez
PREÇOS MODICOS

NOVIDADE LITTERARIA

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do *QUO VADIS?* seguido de mais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de **EDUARDO NORONHA**
Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de **EDUARDO DE NORONHA**

300 rs. cada volume 300

A venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria **MONACO**, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

ALMANACH HACHETTE

PARA 1901

Já se acha á venda na livraria **Mello Guimarães**, d'esta cidade.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mysterios da Inquisição

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a cores por **Manuel de Macedo e Roque Gameiro**.

Nos *Mysterios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens, que entram neste grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Precioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á **Companhia Nacional Editora**—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

NOVIDADE LITTERARIA

O DILUVIO

Grandioso romance historico de **Henryk Sienkiewicz**, auctor do *QUO VADIS?*, traduzido directamente do polaco por **Selda Potocka** e **Eduardo de Noronha**. Desencantase n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homéricas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram *O DILUVIO* superior ao *QUO VADIS?*

A venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

ARMAZENS

BEIRA-MAR

MANUEL GONCALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo do sobejo

Preços fixos

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhim e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa **Beirão**, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flores artificiaes e coróas funharias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

PARA E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil, passagens em 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, em todas as companhias de paquetes, a preços reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e Lisboa.

As passagens tomadas n'esta agencia gosam de todas as regulas e abatimentos concedidos pelas companhias aos srs. passageiros; tambem se sollicitam passaportes e trata-se de obter no Porto e nas provincias todos os documentos necessarios para os mesmos.

Passagens gratis

Concedem-se a familias de agricultores, para o Estado de S. Paulo, pelos paquetes de 13 de cada mez em Leixões. Para mais esclarecimentos, dirigir aos agentes habilitados, em harmonia com a lei.

Africa Occidental

Paquetes em 6 e 21 de cada mez.

ABEL, PAULO & PEREIRA

82, PRAÇA DA BATALHA, 83

(EM FRENTE AO GOVERNO CIVIL)

PORTO

PUBLICAÇÕES

Bibliotheca

HORAS ROMANTICAS

Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas.

QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz.— 3 volumes.

VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza.— 1. vol.

EULALIA PONTOIS, de F. Soulié.— 1 volume

A AMOREIRA FATAL, de E. Berthet.— 1 vol.

SENHOR EU, de Farina.— 1 vol.

Cada volume, 100 rs.

Pedidos á **Companhia Nacional Editora**, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas

Coroadas pela academia franceza

A CARTEIRA

DO REPORTER

por **JULIO VERNE**

Com esplendidas illustrações de L. BENETT. Trad. de **PEDRO VIDOEIRA**

50 rs. cada semana, no acto da entrega

"O NORTE"

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.